

O Brasil no espelho indiano

Rogério L. Furquim Werneck*

O desempenho econômico da Índia vem atraindo a atenção da mídia, tanto no Brasil como no exterior. No debate brasileiro, muitos analistas, fascinados pelo “modelo indiano”, parecem certos de que a Índia afinal descobriu a fórmula do crescimento rápido e sustentado. Sem deixar de reconhecer os méritos do dinamismo econômico indiano, é essencial não perder de vista a enormidade dos desafios que a Índia tem pela frente, em muitos aspectos incomparavelmente mais difíceis do que aqueles com que se defronta o Brasil.

Antes de mais nada é preciso ter a perspectiva de longo prazo. Entre 1900 e 1947 – ano em que a Índia se tornou independente – a economia indiana manteve taxa de crescimento média inferior a 1% ao ano. No mesmo período de quase meio século, a economia brasileira expandiu-se a uma taxa média de 4,4% ao ano. A traumática experiência colonial, da qual a Índia emergiu com apenas 17% da população alfabetizada, deixou marcas profundas na elite política do País. Engendrou forte hostilidade ao capital estrangeiro, preconceito contra lucro e empresa privada e resistência à idéia de que o comércio pode propiciar ganhos mútuos. Essa visão de mundo deu lugar a uma gigantesca estrutura burocrática para controlar o setor privado e estabelecer barreiras à importação e ao investimento estrangeiro, sob a qual a economia cresceu a cerca de 3% ao ano entre 1947 e 1975 e a 5% ao ano nos 15 anos seguintes. Só a partir de 1991 – mais de quatro décadas após a independência – tais controles começaram a ser lentamente desmantelados, na esteira de uma crise cambial séria, da desilusão com a intrincada burocracia que havia sido montada e da mudança de mentalidade desencadeada pelo colapso do regime soviético.

Foi esse esforço de liberalização, ainda modesto, que criou condições propícias à aceleração de crescimento que a Índia vem experimentando, puxado pela expansão dos setores produtores de serviços. Especialmente de serviços relacionados à tecnologia de informação, que já ocupam cerca de 1,3 milhão de pessoas e vêm sendo exportados com impressionante sucesso. Mas essa face moderna, tecnologicamente avançada e dinâmica da economia indiana, que vem fascinando o mundo, representa parte diminuta de um país de 1,1 bilhão de habitantes – com 70% de população rural e centenas de milhões de pessoas vivendo em condições deploráveis de pobreza – que se vê obrigado a gerar 8 milhões de novos empregos a cada ano. Um país onde 55% das mulheres e 32% dos homens ainda são analfabetos. E onde mais de 60% das crianças de até 5 anos, em famílias situadas entre os 20% mais pobres da população, sofrem de desnutrição.

A Índia também enfrenta uma infra-estrutura alarmantemente deficiente, ao lado da qual a deteriorada infra-estrutura brasileira chega a parecer um luxo: estradas intransitáveis, portos congestionados e um suprimento de eletricidade com tal frequência de apagões que obriga 60% das empresas industriais a ter geradores próprios.

A manutenção da Índia na rota do crescimento rápido deverá pôr à prova a capacidade de ação coletiva da complexa sociedade indiana. Na segunda metade do século 20, a Índia soube converter-se em vistosa vitrine da democracia, em meio a vizinhos entregues a regimes autoritários de toda sorte. O país conta hoje com uma cúpula dirigente com envergadura adequada para lidar com a difícil agenda que tem pela frente. O que não é pouco, haja vista as preocupantes carências brasileiras nesse quesito.

Mas não devem ser subestimadas as dificuldades do processo político indiano, em boa parte advindas da própria complexidade social do país, no qual convivem cerca de 30 idiomas principais, mais de 1600 dialetos e pelo menos seis religiões mais importantes, dentre elas o islamismo, com 130 milhões de fiéis. A atual coalizão governista envolve mais de 20 partidos. Um grande problema é que o peso político dos partidos sem programa nacional, voltados para os interesses de castas específicas ou de grupos com mesma identidade lingüística ou religiosa, vem aumentando. Tais partidos já atraem quase 40% dos votos. Será esse processo político tão complexo capaz de assegurar a ação coletiva requerida para manter o país na rota do crescimento rápido? Essa é a grande dúvida sobre as possibilidades do desenvolvimento indiano.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.